

## ARTICULAÇÕES ENTRE CUIDADO DE SI E ECOSOFIA: PROBLEMATIZANDO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Isabel Gomes Ayres<sup>1</sup>  
Roselaine Machado Albernaz<sup>2</sup>

### Resumo:

Neste artigo percorremos obras de Michel Foucault e de Félix Guattari através das quais tentaremos articular os conceitos filosóficos “cuidado de si” (Foucault) e “ecosofia” (Guattari) para, posteriormente, discutirmos como estes conceitos podem favorecer a criação de um pensamento sobre a formação de professores e sugerir uma formação a qual chamamos de ecosófica. Entre os anos de 1981 e 1982, Foucault falava sobre a urgência da reconstrução de uma ética de “si” como um possível enfrentamento contra relações de poder dissimétricas. Mais tarde, em 1989, Guattari, também referenciava esta urgência frente a uma crise multifacetada que deteriorava simultaneamente o ambiente físico, as relações sociais e as subjetividades em todo o planeta. Estas críticas foram formuladas por Foucault e por Guattari há aproximadamente três décadas, acreditamos que seus escritos podem contribuir para problematizarmos os modos de vida atuais

**Palavras-chave:** Cuidado de Si. Práticas de Si. Ecosofia. Ressingularização. Formação de Professores.

### 1 INTRODUÇÃO

Este texto trata de pensarmos a formação de professores por um viés filosófico. A partir dos conceitos “cuidado de si” de Michel Foucault e “ecosofia” de Félix Guattari, foi possível fazer aproximações e criar um outro pensamento, reverberando na formação de alguns professores que buscam, numa filosofia prática, uma ética, uma política e uma estética de “si”. Talvez, a partir dessa ideia, possamos enfrentar mudanças no cotidiano de nossas vidas, na escola e nas práticas pedagógicas.

Sabe-se que na sociedade contemporânea as transformações ocorrem em uma velocidade vertiginosa. Há algumas décadas, não dispúnhamos de muitos aparatos tecnológicos que hoje nos são ofertados, nem tampouco imaginávamos possíveis muitas das façanhas que hoje os cientistas são capazes. Essas

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Campus Pelotas, RS, Brasil. E-mail: [isabelayres82@gmail.com](mailto:isabelayres82@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Pelotas, RS, Brasil. E-mail: [rosealbernaz@gmail.com](mailto:rosealbernaz@gmail.com)

transformações refletem nos modos de vida dos indivíduos, assim como na Educação. Conseqüentemente, a partir dessa sociedade em constante mutação, emerge a necessidade de se problematizar a formação de professores.

As práticas pedagógicas tradicionais tentam dar um formato aos sujeitos. A escola, como está organizada hoje, em geral, empenha-se na tarefa de produzir sujeitos aptos para o trabalho e cidadãos habilitados para exercerem seus direitos e deveres (PEREIRA, 2013, p. 178). Nestas práticas pedagógicas convencionais a relação do sujeito com o mundo e com “si” mesmo, por vezes, é desprezada.

Todavia, para o filósofo Michel Foucault (2010a, p. 225) a única resistência contra os estados de dominação está na constituição de uma ética de “si”, num resgate do “cuidado de si”. Ao percorrer textos produzidos por civilizações greco-romanas da Antiguidade, Foucault (2014, p. 37) se deparou com práticas que visavam desenvolver no sujeito o conhecimento e o domínio sobre “si” mesmo: as “práticas de si”. No entanto, com o passar dos séculos, tais práticas foram sendo esquecidas.

As “práticas de si” se constituem a partir de uma ética, de uma política e de uma estética. Trata-se de regras facultativas, ou seja, de uma escolha do sujeito frente à vida. Diferente da moral, a importância das “práticas de si” está nas atitudes e não nas normatizações instituídas. Tais práticas, possibilitam a criação de novos estilos de vida. Desta maneira, as “práticas de si” podem constituir a criação de novos modos de existência; práticas que “produzem a existência como obra de arte” (DELEUZE, 2010, p. 127).

Assim como Foucault, Félix Guattari também propôs uma articulação ética, política e estética como uma alternativa de enfrentamento para a crise contemporânea: a “ecosofia” (GUATTARI, 2012a, p. 8). Na ótica de Guattari, nosso planeta enfrenta uma crise de múltiplas faces. De forma análoga à poluição que degrada os ecossistemas, a miséria, a fome, as intolerâncias, as psicopatologias e tantas outras tensões sociais e comportamentais intoxicam e degeneram corpos e subjetividades por toda a superfície do globo. Por isso, a “ecosofia” de Guattari pretende analisar e atuar sobre tal crise nos três níveis ecológicos: ambiental, social e mental.

No entrelace destas três ecologias, a expectativa de Guattari (2012a, p. 15) é de que se criem novos modos de vida, novas maneiras de se relacionar com o

ambiente, com os outros sujeitos e consigo mesmo; que se criem estratégias de ressingularização. Essa aposta na criação de novos modos de existência aproxima o pensamento ecosófico de Guattari daquilo que Foucault chamou de “cuidado de si”.

Contudo, como uma interlocução entre Foucault e Guattari, uma aproximação entre os conceitos “cuidado de si” e “ecosofia”, pode contribuir para a problematização de questões contemporâneas, sobretudo no que tange a formação de professores? Fundamentando-se na obra destes dois filósofos e de seus intercessores, tentaremos articular estes dois conceitos para, através desta interpelação, problematizarmos a questão da formação de professores nos dias de hoje.

## **2 PRÁTICAS E CUIDADO DE SI: POR UM GOVERNO DE SI MESMO**

Entre os anos de 1971 e 1984, o filósofo francês Michel Foucault lecionou no *Collège de France*. No curso que ministrou em 1982, Foucault apresentou os resultados de suas pesquisas sobre o “cuidado de si”, um resgate feito pelo filósofo aos modos de subjetivação antigos. Eis um ponto inquietante na obra deste filósofo: Por que Foucault interessava-se pelos modos de vida de épocas tão remotas? Quando Foucault resgatava informações sobre tempos passados, ele não estava interessado, exclusivamente, nos modos de vida desses tempos, mas pretendia, sim, compreender como nos tornamos o que somos a partir dos modos de existência de nossos antepassados (DELEUZE, 2010, p. 123).

Para discorrer sobre o conceito do “retorno a si”, da “conversão a si”, durante o curso sobre a hermenêutica do sujeito, Foucault (2010a, p. 222) utilizou a metáfora da navegação. Essa ideia da navegação implica num deslocamento e na execução de uma meta, que seria o retorno ao porto de origem, ao lugar de segurança, a “si” mesmo. Logo, se a meta da navegação é o retorno ao lugar seguro, pode se inferir que essa é uma trajetória repleta de perigos. Neste deslocamento nos “confrontamos com riscos, imprevistos que podem comprometer nosso itinerário e até mesmo nos extraviar” (FOUCAULT, 2010a, p. 222). Por isso, o sucesso da viagem implica um saber complexo, uma arte da pilotagem.

Na literatura helenística grega e romana (III-II a.C), a imagem da pilotagem referencia teorias e práticas destinadas, simultaneamente, a curar, a governar os outros e a governar a si mesmo. Assim, um governante só poderia administrar uma

cidade, se antes fosse capaz de governar a “si” mesmo; um governante deveria ser capaz de curar seus males para, depois, curar os males dos cidadãos e da cidade (FOUCAULT, 2010a, p. 223). Após o século XVI, no entanto, o ato de governar se estabeleceu a partir da centralização da razão de Estado, promovendo uma distinção entre o governo de si/medicina/governo dos outros. No decorrer do curso de 1982, o filósofo francês esclarece como essa ideia do “retorno a si” foi sendo anulada ao longo dos séculos.

Na aula pronunciada em 17 de fevereiro de 1982, Foucault (2010a, p. 227) descreveu a existência de dois grandes modelos, dois esquemas de relação entre o “cuidado de si” e o “conhecimento de si”: o platônico e o cristão, que coexistiram durante a Antiguidade (4000 a.C – 476 da era cristã). Historicamente, estes dois modelos acabaram recobrando, escondendo um terceiro modelo. Foucault estudou este terceiro modelo a partir de documentos produzidos pelos cínicos, pelos epicuristas e, principalmente, pelos estoicos.

O modelo platônico, que surgiu durante a Antiguidade e vigorou entre os séculos II-III, se estabelece por três pontos fundamentais. Primeiramente, a necessidade de cuidar de “si” surge porque se é ignorante. Contudo, o ignorante ignora, inclusive, a sua ignorância, mas na sequência de um acontecimento, de um encontro, de uma questão, o ignorante descobre que ignora. Descoberta a ignorância, há de se proceder com o “cuidado de si” que implica um conhecer-se a “si” mesmo, eis o segundo ponto. E para conhecer-se a “si” mesmo é preciso “olhar-se no espelho do inteligível, onde precisamente deve reconhecer-se” (FOUCAULT, 2010a, p. 228); chegamos ao terceiro ponto do modelo platônico: a reminiscência.

No modelo cristão, formado entre os séculos III-IV, há uma relação circular entre o “conhecimento de si”, o conhecimento da verdade e o “cuidado de si”. Segundo este modelo, para se obter a salvação é preciso acolher a verdade através dos textos canônicos. Porém, a verdade só pode ser alcançada pela purificação do coração, que se dá pelo “conhecimento de si”. E o “conhecimento de si” está atrelado ao conhecimento da verdade descrita nos textos canônicos. No cristianismo, esse “conhecimento de si” também serve para dissipar, através de práticas conhecidas como exegese, as ilusões, as tentações e seduções de que se pode ser vítima. Por fim, no modelo cristão, o “conhecimento de si” tem como objetivos retornar a “si” para, logo a seguir, renunciar a “si”, o que se traduz na

renúncia da carne, na negação do corpo (FOUCAULT, 2010a, p. 229).

O modelo platônico e o modelo cristão dominaram, simultaneamente, o cristianismo e, também pelo cristianismo, ambos foram, em seguida, “transmitidos a toda a história da cultura ocidental” (FOUCAULT, 2010a, p. 230). Juntos, estes dois grandes modelos relegaram o terceiro, conhecido como modelo helenístico, ao esquecimento. Portanto, o modelo helenístico não tem a forma de nenhum dos outros dois (FOUCAULT, 2010a, p. 230).

Este terceiro modelo foi praticado nos últimos séculos da era antiga e nos primeiros séculos da nossa era. Ele se diferencia do modelo platônico porque “tende a acentuar e a privilegiar o cuidado de si, a preservar-lhe pelo menos a autonomia em relação ao conhecimento de si, cujo lugar [...] é afinal limitado e restritivo” (FOUCAULT, 2010a, p. 230). O modelo helenístico também não se identifica com o modelo cristão, uma vez que não tem como função a exegese de “si”, nem tampouco a renúncia de “si”. Todavia, o cristianismo repatriou e aclimatou a moral austera deste terceiro modelo para suas práticas da exegese e da renúncia a “si”.

Quando discorreu sobre o modelo helenístico, Foucault (2010a, p. 231) se ateve a documentos do estoicismo, pois o conhecimento da natureza foi mais valorizado pelos estóicos do que pelos cínicos ou pelos epicuristas. Assim, Foucault (2010a, p. 232) analisou uma série de textos produzidos por Sêneca<sup>3</sup>, compostos, em sua maioria, por trechos da obra “Questões Naturais” e por cartas remetidas pelo filósofo estóico a seu discípulo.

Em alguns de seus textos, Sêneca estava em retiro para escrever “Questões Naturais”, e dizia-se velho; por isso tinha pressa para dedicar-se a um labor útil, uma vez que havia desperdiçado muito tempo com trabalhos inúteis. Eis que o labor útil a que Sêneca se referia era exatamente o “cuidado de si”. Ao passo que o trabalho inútil era ocupar-se das histórias gloriosas dos grandes imperadores (FOUCAULT, 2010a, p. 236). Para enfatizar esta crítica à história de reis e conquistadores, Foucault (2010a, p. 237) citou o que aparenta ser um trecho da obra de Sêneca que diz: “Não saberíamos contar os homens que se tornaram senhores de cidades e de nações inteiras, quão poucos porém foram de si mesmos!” Com isso, Sêneca coloca à frente do domínio dos outros o “conhecimento de si”.

---

<sup>3</sup> Lucius Annaeus Sêneca viveu entre os séculos 4 d.C. e 65 d.C. e foi advogado, escritor e filósofo estóico no Império Romano.

Esses escritos nos conduzem à ideia de que antes de desvendar os mistérios da natureza, Sêneca precisava conhecer a “si” mesmo, se liberar dos próprios vícios e paixões. Para Sêneca, a grandiosidade da vida estava mais próxima do “conhecimento de si” e do “cuidado de si” do que das promessas de fortuna. Pois somente pelo “cuidado de si” poderia o sujeito “ter a alma na ponta dos lábios” (FOUCAULT, 2010a, p. 237); ser livre, não por direito da *pólis*, mas por natureza.

Estes textos estoícos são um convite às “práticas de si” e da verdade; um convite à liberação do sujeito, das amarras espirituais, institucionais e, principalmente, daquelas criadas pelo próprio sujeito. As “práticas de si” podem assegurar a “instauração e o desenvolvimento das relações para consigo, para a reflexão sobre si, para o conhecimento, o exame, a decifração de si sobre si mesmo, as transformações que procura efetuar sobre si” (FOUCAULT, 2014, p. 37).

Neste sentido, pode se pensar nas “práticas de si” como uma forma de resistência, sem, no entanto, perder de vista que, para Foucault (2015, p. 101), o poder se compõe por forças múltiplas, isento de um ponto central a partir do qual estas forças irradiariam. O poder pode ser entendido como uma correlação de forças que dá forma ao modo como um indivíduo age sobre a ação do outro e também sobre “si” mesmo (TRENTO, 2015, p. 187).

A partir de suas investigações sobre o “cuidado de si”, Foucault percebeu que não se tratavam mais de saberes ou de leis instituídas, mas de “regras facultativas que produzem a existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem” (DELEUZE, 2010, p. 127) modos de existência, que inventam outras possibilidades de vida. Assim, pelas “práticas de si”, o sujeito e a verdade podem se constituir por uma “escolha irreduzível de existência” (GROS, 2010, p. 461) e não mais por relações de poder dissimétricas, quase imóveis, as quais Foucault (2010b, p. 266) denomina como estados de dominação.

O “cuidado de si” não pode ser confundido como uma incitação ao desenvolvimento pessoal, pois ele se constitui a partir de práticas éticas, políticas e estéticas que implicam na relação com o outro (GROS, 2010, p. 480). Estas práticas decorrem de uma escolha, de uma ética, “[...] pois o que é a ética senão a prática da liberdade, a prática refletida da liberdade” (FOUCAULT, 2010b, p. 267)? Uma liberdade de ordem política, visto que significa duplamente a não escravidão: primeiro, porque não se deve se deixar escravizar pelos outros e, segundo, porque

ser livre implica não ser escravo de “si” mesmo, ter certo domínio sobre “si” mesmo (FOUCAULT, 2010b, p. 270). Há nas “práticas de si” um “exercício de si sobre si mesmo, através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir certo modo de ser” (FOUCAULT, 2010b, p. 265): uma estética da existência.

Como mencionamos anteriormente, embora Foucault tenha fundamentado suas pesquisas em textos de épocas longínquas, seu olhar sempre esteve voltado para a atualidade. Neste sentido, como poderiam essas práticas da Antiguidade contribuir para as lutas atuais? Como poderiam as “práticas de si” impulsionar movimentos de libertação? E na Educação, como essas práticas podem afetar a formação de professores?

Antes de tudo, deve ser esclarecido que para Foucault não se trata de libertar o indivíduo de um Estado opressivo ou das instituições que legitimizam este Estado, mas sim de nos liberarmos do tipo de individualização vinculada ao Estado (GROS, 2010, p. 492). Esse “liberar-se” implica em promover novas formas de subjetividades, que se situem entre as exigências comunitárias e os direitos individuais. Logo, numa perspectiva foucaultiana, a verdadeira resistência estaria “na invenção de uma nova ascese, uma nova ética, um novo modo de vida” (GROS, 2010, p. 492). Em relação à Educação, poderíamos pensar na invenção de novos modos de ser professor?

Quiçá resida nas práticas estoicas estudadas por Foucault, neste “cuidado de si”, uma estratégia para a invenção de novos modos de existência, modos de vida que escapem de subjetividades hegemônicas. Mais do que uma liberação do sujeito de amarras institucionais, as “práticas de si” se propõem a tornar o sujeito seu próprio senhor. Um governo de “si” mesmo que se constitui a partir de uma ética, a partir de escolhas, de uma política, de uma atitude frente ao mundo e de uma estética, um estilo de ser.

Expusemos até aqui, alguns resultados das pesquisas realizadas por Foucault sobre o “cuidado de si”, especialmente aqueles que foram abordados durante o curso de 1981-1982, no *Collège France*. Ademais, fizemos algumas inferências sobre como essas práticas do estoicismo poderiam contribuir para pensarmos os modos de vida na contemporaneidade. No próximo tópico, nos debruçaremos sobre a obra de outro filósofo francês, Félix Guattari, que, assim como Foucault, também se dedicou a problematizar os modos de vida.

### 3 ECOSOFIA: UMA NOVA ECOLOGIA

Muitas são as apresentações que podem ser atribuídas a Félix Guattari: filósofo, militante, psicanalista, escritor, ecologista, etc. Nos anos 50, Guattari contribuiu para a fundação da clínica psiquiátrica *La Borde*, na França. Entre as décadas de 60 e 90, ele participou de grupos de estudos políticos e escreveu para jornais e revistas (QUERRIEN, 2004, p. 38). Poucos meses antes de sua morte, Guattari esteve presente nas discussões acerca do meio ambiente na Rio 92<sup>4</sup>. O pensamento múltiplo de Guattari permeia as obras que ele produziu sozinho ou em colaboração com Gilles Deleuze, Toni Negri e Suely Rolnik.

No livro “As três ecologias”, publicado em 1989, Guattari problematiza os modos de vida contemporâneos, denunciando que, embora o planeta esteja “vivendo um período de intensas transformações técnicas científicas” (GUATTARI, 2012a, p. 7), este também enfrenta um enorme desequilíbrio ecológico que, caso não seja remediado, ameaça a manutenção da vida numa escala mundial. Contudo, esse desequilíbrio não está relacionado apenas com os danos ao ambiente físico, mas também com a deterioração das relações humanas e da relação de “si” consigo mesmo. “É a relação da subjetividade com sua exterioridade - seja ela social, animal, vegetal, cósmica - que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva” (GUATTARI, 2012a, p. 8).

Assim como a proliferação excessiva de algas pode comprometer a vida em um ecossistema aquático, algumas das problemáticas sociais descritas por Guattari ameaçam a vida humana.

Uma outra espécie de alga, desta vez relativa à ecologia social, consiste nessa liberdade de proliferação que é consentida a homens como Donald Trump que se apodera de bairros inteiros de Nova York, de Atlantic City etc., para “renová-los”, aumentar os aluguéis e, ao mesmo tempo, rechaçar dezenas de milhares de famílias pobres, cuja maior parte é condenada a se tornar *homeless*, o equivalente dos peixes mortos da ecologia ambiental (GUATTARI, 2012a, p. 25).

Críticas como esta foram formuladas por Guattari há quase 30 anos, todavia, pouco tem sido feito para reverter tais cenários de deterioração. Pelo contrário, problemáticas desta ordem ainda podem intensificar-se diante da recente eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos. Então, por que se permite e

---

<sup>4</sup> Em 14 de junho 1992, a cidade do Rio de Janeiro sediou a Rio 92, conferência organizada pelas Nações Unidas para discussão de questões ambientais.

se estimula essa “liberdade de proliferação”, como nos disse Guattari (2012a, p. 25), para homens como Donald Trump?

A crise contemporânea se constitui a partir destes conflitos sociais, ambientais e subjetivos que não apenas decorrem de interesses capitalísticos, mas que também os fortalecem. A “instauração a longo prazo de imensas zonas de miséria, fome e morte parece [...] fazer parte integrante do monstruoso sistema de ‘estimulação’ do Capitalismo Mundial Integrado (CMI)” (GUATTARI, 2012a, p. 12). O neocapitalismo, para Guattari (1985, p. 211), é mundial e integrado, porque se alastra por toda a superfície do planeta, inclusive em países que ainda se dizem socialistas, como a China, e “porque tende a fazer que nenhuma atividade humana, nenhum setor de produção fique de fora de seu controle”.

O mecanismo de propulsão do CMI é a produção de subjetividade, uma subjetividade que Guattari adjetiva como capitalística. Segundo o autor, as subjetividades são produzidas de forma serializada, modelizada, do mesmo modo que se fabricam bens materiais. Assim, máquinas produtoras de subjetividades capitalísticas, como a escola, se encarregariam de modelar as subjetividades em favor do fortalecimento econômico de grandes potências mundiais, como os Estados Unidos (GUATTARI; ROLNIK, 2012, p. 36).

Frente ao caráter múltiplo da crise contemporânea, Guattari (2012a, p. 8) propõe uma articulação ética, política e estética dos três registros ecológicos: ambiental, social e mental. Uma articulação que ele denomina como “ecosofia”. Esta articulação vai além da ecologia ambiental, principal enfoque dos debates ambientalistas, uma vez que suas práticas se propõem a pensar também as relações humanas e a produção de subjetividade.

Nesta articulação ecosófica, a ecologia social está envolvida com o desenvolvimento de novas práticas relacionais, com a criação de novas maneiras de nos relacionarmos com os outros, seja no ambiente familiar, no trabalho, na escola, no contexto urbano, etc. Esta ecologia pressupõe a criação e não a retomada de modos relacionais anteriores à crise que hoje enfrentamos (GUATTARI, 2012a, p.15). Além disso, essas novas relações não se dariam apenas entre os semelhantes, mas também entre os dessemelhantes, entre os diferentes. Uma ecologia que “deverá trabalhar na reconstrução das relações humanas em todos os níveis do *socius*” (GUATTARI, 2012a, p. 33).

A ecologia mental refere-se à reinvenção da relação do sujeito com o corpo e com o inconsciente; “com o tempo que passa, com os ‘mistérios’ da vida e da morte” (GUATTARI, 2012a, p 16). Uma ecologia que funcionará como um antídoto contra produção de subjetividades capitalísticas, contra a modelização das subjetividades produzidas pelo CMI. A ecologia mental opera de maneira que se aproxima do fazer do artista, pois tem a ver mais com as afecções e menos com o cientificismo que permeia o trabalho dos profissionais da psicanálise (GUATTARI, 2012a, p. 16).

Em entrevista transcrita no livro “¿Que és la Ecosofia?”, Guattari (2015, p. 61) declara: “[...] em meu espírito não há oposição entre as ecologias política, ambiental e mental. Toda apreensão de um problema ambiental postula o desenvolvimento de universos de valor e, portanto, de um compromisso ético-político” [tradução minha]. Os três registros ecológicos (ambiental, social e mental) transitam um sobre o outro, se entrecruzam, se conectam, se perpassam. Eles operam concomitantemente, de modo que não há como enclausurar uma questão em um ou em outro registro.

Mesmo denunciando as múltiplas facetas da crise contemporânea, a ecologia de Guattari não é um apelo à retomada de modos de vida antigos, pois, jamais os modos de existência atuais se assemelharão aos de décadas passadas, quando não se dispunha de tantos aparatos técnicos e científicos. O que está em questão é “a maneira de viver daqui em diante sobre este planeta” (GUATTARI, 2012a, p. 8).

Guattari aposta na invenção de “novos modos de viver e de sobreviver num determinado lugar” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 80); na criação de estratégias que escapem, mesmo que provisoriamente, da produção de subjetividades capitalísticas, ou seja, das subjetividades fabricadas para atender aos interesses do CMI. Uma criação, por exemplo, de estratégias que se esquivem dos padrões de beleza ou de comportamento instituídos pela moda e pela mídia. E na Educação, como poderiam ser criadas fissuras na produção das subjetividades dominantes?

Essa subversão dos modos de vida atuais, da maneira como nos relacionamos com o ambiente, com os outros e com nós mesmos é o que Guattari (2012a, p. 15) chama de produção de singularização ou de ressingularização. A ressingularização se constitui a partir da retomada dos modos de produção de subjetividade que foram capturados pelo CMI. Na ressingularização "criam-se novas modalidades de subjetivação do mesmo modo que um artista plástico cria novas

formas a partir da palheta de que dispõe” (GUATTARI, 2012b, p. 17). Essa produção de singularidade se faz urgente uma vez que:

A problematização da subjetividade sob signo da produção no contexto do CMI alerta para o crescente enrijecimento da subjetividade. Num mundo em que vivenciamos o extremo recrudescimento do individualismo, a produção de uma subjetividade massificada é vendida como promessa de ressingularização para milhões de sujeitos. No entanto, mesmo neste contexto de laminação das subjetividades, é possível singularizar no cotidiano, ensejando pequenas práticas que sejam focos de criatividade e de experiências de vida enriquecedoras das relações das pessoas com o mundo (SOARES; MIRANDA, 2015, p. 10).

A questão da ressingularização relacionada à ecosofia se compõe por uma articulação ética, política e estética. A ética pode ser pensada pela escolha de outro modo de existência, a política com uma atitude frente à vida e a estética com o estilo diante da vida. Estas implicações éticas, políticas e estéticas, assim como os três registros ecológicos, se perpassam, se entrecruzam, se conectam.

A perspectiva ecosófica e a aposta numa ressingularização remetem a reinvenção de novos modos relacionais com o mundo e com nós mesmos; uma reinvenção que se aproxima das ideias sobre o “cuidado de si” elucidadas por Foucault. Neste sentido, tentaremos estabelecer uma interlocução entre estes conceitos para pensarmos como eles se relacionam com questões contemporâneas, sobretudo com a formação de professores.

#### **4 CUIDADO DE SI E ECOSOFIA: FAVORECENDO UMA OUTRA FORMAÇÃO**

Uma das interrogações feitas por Foucault (2010a, p.225) em suas aulas sobre o “cuidado de si” era se, nos dias atuais, seria possível reconstruir uma estética e uma ética como uma “prática de si”. Aqui a ética diferencia-se da moral instituída, pois nestas práticas “o importante está menos no conteúdo da lei e nas condições de aplicação do que na atitude que faz com que elas sejam respeitadas” (FOUCAULT, 2014, p.39). Para Foucault (2010a, p.225), a ausência de “significação e de pensamento” em expressões corriqueiras de nossos tempos, tais como, retornar a si, libertar-se, ser si mesmo, ser autêntico, seria a prova da ineficácia de nossos empenhos para a reconstituição de uma “prática de si”. O autor ainda ressalta a importância de um resgate dessas práticas afirmando que:

[...] é possível suspeitar que haja uma certa impossibilidade de constituir hoje uma ética do eu, quando talvez seja essa uma tarefa urgente, fundamental, politicamente indispensável, se for verdade que, afinal não há outro ponto, primeiro e último, de resistência ao poder político senão uma relação de si para consigo (FOUCAULT, 2010a, p. 225).

Atualmente, há um empobrecimento da ideia de cidadão como o sujeito produtor de “si”, visto que a cidadania tem sido sintetizada como o exercício de direitos e o cumprimento de deveres institucionalizados. De modo geral, o “ser cidadão” vêm sendo reduzido ao “exercício dessa prerrogativa institucional universalizada” (PEREIRA, 2013, p.178). Há uma modelização homogênea, praticada nas instituições familiares, religiosas, escolares, etc., que formata o “ser cidadão”, ao passo que aliena e anestesia o olhar do sujeito para “si” mesmo. Essa fabricação de um “ser cidadão” apartado do “si” se aproxima daquilo que Guattari chama de uma produção de subjetividade capitalística.

Quanto à urgência da constituição de uma ética do “si”, de que nos fala Foucault, talvez esta se justifique pelas denúncias feitas por Guattari em seu livro “As três ecologias”. Seriam os desequilíbrios ambientais, sociais e subjetivos assinalados por Guattari uma das sequelas desta anulação do “si” problematizada através de Foucault e de Pereira?

Por vezes, a sensação é de que estamos navegando na direção contrária do porto de que nos falava Foucault, um porto que nada mais é senão nós mesmos. Neste esquecimento ou empobrecimento do “si”, talvez estejamos à deriva, sem saber onde estamos, nem para onde vamos. E há momentos em que parecemos estagnados, imóveis, sem sairmos do mesmo lugar. Nas palavras de Guattari:

As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente "ossificada" por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão [...] (GUATTARI, 2012a, p. 8).

Os estudos de Pereira (2013, p. 178) nos ajudam a entender como essa “padronização dos comportamentos” opera na contemporaneidade, sobretudo no âmbito pedagógico. Segundo o autor, a fim de se obter sujeitos homogêneos, as crianças são entregues às escolas como “matéria bruta” a ser “lapidada” pelas práticas pedagógicas. O mesmo acontece nos cursos superiores, ou seja, os estudantes chegam às universidades esperando, ao final de alguns anos, estarem “formados” para exercerem uma profissão, “formatados” para o trabalho.

Será que a trajetória da navegação, o deslocamento em direção a si mesmo de que nos falava Foucault, foi desviada? Talvez em nossa trajetória estejamos, cada vez mais, afastados da meta: o “retorno de si”. Paradoxalmente, aprendemos a “ganhar a vida”, a ser “alguém na vida”, enquanto esquecemo-nos, ou não nos é

ensinado, como governarmos a nós mesmos. Há de se questionar essa “forma” homogênea que tornam passivos nossos modos de ser.

Para Foucault, a retomada do “leme” pode estar no “cuidado de si”, ou seja, em práticas éticas, políticas e estéticas que, já na Antiguidade, propunham a liberação do sujeito. É importante salientar que não se trata de libertar o sujeito das relações de poder que se desenvolvem, por exemplo, nas instituições pedagógicas, mas sim de nos liberarmos dos estados de dominação. Nos termos de Guattari, libertarmo-nos, mesmo que por pequenos momentos de tempo, desta forma que o CMI deseja dar as produções de subjetividades.

Na perspectiva foucaultiana, o poder político deve ser situado numa questão mais ampla, que seria a da governamentalidade. Entendida a governamentalidade como relação de poder, logo móvel e transformável, essa passa pelo âmbito do sujeito que se define pela relação de “si” consigo mesmo. É a partir da trama que se compõem pela relação “poder/governamentalidade/governo de si e dos outros/relação de si para consigo [...] é que se pode articular a questão da política e a questão da ética” (FOUCAULT, 2010a, p. 225).

Assim como Foucault, Guattari (2012a, p. 8) também faz referência a uma articulação ética, política e estética: a “ecosofia”. Na perspectiva ecosófica, a problemática ambiental deixa de ser atribuída somente às ameaças ou aos danos incidentes sobre o ambiente natural ou sobre o que se convencionou chamar de natureza. Se os seres humanos são parte integrante desta natureza, como não incluir nas discussões ambientais aquilo que expõe ao risco e deteriora nossas relações sociais, nossos corpos e nossas subjetividades? Como não criticar aquilo que anestesia ou anula a possibilidade de um governo de “si”?

Na “ecosofia”, a preservação do ambiente é pensada concomitantemente com as relações sociais e a subjetividade humana. Nesse sentido, caberia à “ecosofia” também discutir a problemática desse empobrecimento do “si” que caracteriza os modos de vida contemporâneos. Mas como enfrentar e resistir a esse empobrecimento, sobretudo nas práticas pedagógicas?

Foucault aposta nas “práticas de si” como alternativa de saída para a crise contemporânea, enquanto Guattari nos fala da necessidade de uma ressingularização. Relsingularizar se constitui em “[...] formas de se escapar ao controle em uma sociedade, modos de resistência ao poder que nos quer conformes

(aos padrões, modelos, moldes) inclusive, nos processos de formação e de educação não formal” (KASPER, 2014, p. 336); em fugir, mesmo que em seguida se seja recapturado, da produção de subjetividade dominante, da formatação do “ser cidadão” problematizada por Pereira. É decidir ficar, mas também poder ir embora (GUATTARI; ROLNIK, 2012, p. 81). Algo que implica num “ter a alma na ponta dos lábios” (FOUCAULT, 2010a, p. 337), num ser senhor de “si” mesmo, numa “prática de si”. Quem sabe não está aí a arte da pilotagem de que nos falava Foucault em sua metáfora da navegação?

Se o “cuidado de si” se aproxima da ressingularização, como resgatá-lo deste esquecimento a que o platonismo e o cristianismo o condenaram? Não há uma fórmula pronta para que se retomem as “práticas de si”, mas talvez exercitar um olhar ecosófico para o mundo e problematizar aquilo que nos torna “conformes” seja uma possibilidade. Essa pode ser uma alternativa para que se reconstitua hoje uma ética, uma política e uma estética de “si”.

Uma destas problematizações pode ser a questão da formação de professores, pois como alerta Pereira (2013, p. 178), as práticas educacionais exercem um papel preponderante na produção de subjetividades. Os profissionais que atuam no campo social, entre os quais estão os professores, encontram-se numa “encruzilhada política e micropolítica fundamental” (GUATTARI, ROLNIK, 2013, p. 37). Se por um lado um professor pode contribuir para a reprodução dos modelos de subjetividade capitalística, por outro lado, ele pode, na medida do possível, inventar novos modos de ser professor, novas relações com os alunos e com a vida (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 37).

Não se pode pensar que existe uma neutralidade no trabalho do professor. Nas palavras de Guattari:

As pessoas que nos sistemas terapêuticos ou nas universidades, se consideram simples depositárias ou canais de transmissão de um saber científico, só por isso já fizeram uma opção reacionária. Seja qual for a sua inocência ou boa vontade, elas ocupam, efetivamente, uma posição de reforço dos sistemas de produção de subjetividade dominante. E não se trata de um destino da profissão (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 38).

No entanto para escapar das práticas pedagógicas institucionalizadas, instrumentos da produção de subjetividades dominantes, e tentar reinventar os modos de ser professor, há de se questionar como alguém se torna professor. Certamente a resposta não está apenas na formação acadêmica tradicional ou no exercício efetivo da docência. Como já nos alertou Pereira, as universidades

formatam os estudantes para o exercício da profissão, o que pouco ou nada tem a ver com as implicações éticas, políticas e estéticas de um “cuidado de si”, na busca de uma ressingularização.

Para que as práticas pedagógicas se constituam como uma possibilidade de resgate às “práticas de si” ou de ressingularização há de se buscar outra formação para os professores. Uma formação que permita aos sujeitos voltarem o olhar para “si” e para o mundo. Uma estratégia formativa e transformativa de professores que toca naquilo que Albernaz (2011, p. 196) chama de formação ecosófica.

Numa formação ecosófica, alguém vem a ser professor a partir da “problematização do si mesmo e do mundo em que se vive” (ALBERNAZ, 2011, p.196). Embora existam subjetividades hegemônicas, cada indivíduo é também um sujeito pelo qual passam coisas diferentes; um sujeito que experimenta o mundo de forma singular (ALBERNAZ, 2011, p.199). É nesta singularidade que reside a potência de criar novos modos de existência, de resgatar as “práticas si”.

Experenciar essa outra formação requer do professor uma atenção a campos de saberes distintos da ciência, como a arte e a filosofia. Aqueles que a experienciam precisam também estar atentos as percepções de seu corpo, uma vez que tais percepções podem ecoar em seus modos de vida. Outro desafio desta formação é o desprendimento de formas convencionais e fixas de pensar; o “olhar deve oscilar permitindo descrer e duvidar de algumas verdades já dadas, ficando atento ao acaso favorável, ao que lhe acontece” (ALBERNAZ, 2011, p. 200). Tudo isso requer tempo para experimentar e problematizar (ALBERNAZ, 2011, p. 201).

Entender-se como parte da natureza, subvertendo ideias antropocêntricas, talvez seja uma forma de alguns professores favorecerem uma ecologia ambiental. Esquivar-se do legado da transmissão de saberes e de práticas pedagógicas centradas no professor ou no aluno, quiçá eles possam contribuir para a construção de uma ecologia social. Ao levarem mais sensibilidade e menos cientificismo para suas práticas, esses professores favoreçam uma ecologia mental. Todavia, esses três níveis ecológicos precisam operar juntos e, para além dos muros escolares, no cotidiano do professor que deseje experimentar essa outra formação.

Não há, porém, um manual que garanta a efetivação da formação ecosófica. Não se trata de uma norma a ser seguida por todos os professores. Pelo contrário, nela o desejo é escapar das normatizações, da instituição de modelos. O que há

numa formação ecosófica é uma atenção com o “si” mesmo; “uma aposta ético-estético-política de um cuidado de si, da natureza de que somos parte e do mundo em que vivemos” (ALBERNAZ, 2011, p. 201).

Essa formação ultrapassa as normatizações acadêmicas, articula os três níveis ecológicos, transforma mais do que formata. Através dela reside uma possibilidade de hoje reconstruirmos uma estética e uma ética de “si”; de acolhermos o convite de Foucault e de Guattari e inventarmos modos de existências que escapem das subjetividades capitalísticas. Do que necessitariam os professores para isso? Albernaz (2011, p. 203) nos dá uma pista: “Talvez de mais poesia, um pouco de dança, um riso mais solto que desprenda o corpo do eixo regulado”.

## ARTICULATIONS BETWEEN SELF-CARE AND ECOSOPHY: THE TEACHERS' TRAINING ISSUE

### Abstract:

In this article, we covered Michel Foucault and Félix Guattari papers in order to try to articulate the "self-care" (Foucault) and "Ecosophy" (Guattari) philosophical concepts and then, to discuss how these concepts can build up a thought on the teachers' training, as well as, suggesting a training itself which is called "Ecosophic". Between 1981 and 1982, Foucault spoke about the urgency of rebuilding a "self" ethic as a possible confrontation against dissymmetric power relationships. Later, in 1989, Guattari, also referenced this urgency against a multifaceted crisis that deteriorated in the physical environment, social relations and subjectivities of the entire planet. Foucault and Guattari have developed these criticisms for about three decades and we believe their writings may contribute to place the current spotlight.

**Keywords:** Self-Care. Self-Regulation. Ecosophy. Resingularization. Teachers' Training.

## ARTICULACIONES ENTRE CUIDADO DE SI Y ECOSOFIA: PROBLEMATIZANDO LA FORMACIÓN DE PROFESORES

### Resumen:

En este artículo recorreremos obras de Michel Foucault y de Félix Guattari a través de las cuales se intenta articular los conceptos filosóficos "cuidado de sí" (Foucault) y "ecosofía" (Guattari) para, posteriormente, discutir como estos conceptos pueden favorecer la creación de un pensamiento sobre la formación de profesores y sugerir una formación la cual llamamos de ecosofica. Entre los años de 1981 e 1982, Foucault hablaba sobre la urgencia de reconstrucción de una ética de "sí" como un posible enfrentamiento contra relaciones de poder disimétricas. Más tarde, en 1989, Guattari, también hizo referencia a esta urgencia frente a una crisis multifacética que deterioraba simultáneamente el ambiente físico, las relaciones sociales y las subjetividades en todo el planeta. Estas críticas fueran formuladas por Foucault y por Guattari hace aproximadamente tres décadas. Creemos que sus escritos pueden aportar para la problematización de los modos de vida actuales.

**Palabras-clave:** Cuidado se Sí. Prácticas se Sí. Ecosofía. Resingularización. Formación de Profesores.

## REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, R. M. **Formação ecosófica**: a cartografia de um professor de matemática. 2011. 217f. Tese (Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental) – Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Rio Grande, 2011.
- DELEUZE, G. **Conversações**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**: curso do *Collège de France* (1981-1982). 3 ed. São Paulo: Editora MF Martins Fontes, 2010a.
- FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. 3 ed. São Paulo: Paz & Terra, 2015.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. São Paulo: Paz e terra, 2014.
- GROS, F. **Situação do curso**. In: FOUCAULT, M. A hermenêutica do sujeito: curso do *Collège de France* (1981-1982). 3 ed. São Paulo: Editora MF Martins Fontes, 2010.
- GUATTARI, F. **¿Que és la Ecosofia?** Textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud. Buenos Aires: Cactus: 2015.
- GUATTARI, F. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas: Papiрус, 2012a.
- GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012b.
- GUATTARI, F. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. 3 ed. Editora Brasiliense: São Paulo, 1985.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

KASPER, K. M. Eco-lógica: Efigênia entre arte e vida. **Ciência e Educação**: Bauru. n.2, p. 331-344, 2014.

PEREIRA, M. V. **Estética da professoralidade**: estudo crítico da formação de professores. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

QUERRIEN, A. **Esquizoanálisis, capitalismo y libertad**. La larga marcha de los desafiados. In: GUATTARI, F. Plan sobre el planeta: capitalismo mundial integrado y revoluciones moleculares. Madri: Traficantes de sueños, 2004.

SOARES, L. B.; MIRANDA, L. L. Produzir subjetividades: o que significa? **Estudos e pesquisas em Psicologia**: Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1-13, 2015.

TRENTO, F. B. Sobre a urgência do pensamento de Michel Foucault. **Galáxia**: São Paulo, n. 30, p. 185-190, dez 2015.

**Artigo:**

Recebido em 21 de Maio de 2017.

Aceito em 07 de Novembro de 2017.